



## QUESTÕES DE GÊNERO EM REPRESENTAÇÕES DE "SER VELHA" NA LITERATURA PARA CRIANÇAS<sup>1</sup>

Rosa Maria Hessel Silveira<sup>2</sup>  
Iara Tatiana Bonin<sup>3</sup>

Os discursos sobre a velhice, sobre o “ser velho” e, no que concerne a este texto, sobre o “ser velha” estão presentes em variados cenários: nos debates sobre políticas públicas, em produções midiáticas variadas, em peças publicitárias, na definição de novos nichos de consumo e nos textos de áreas profissionais que preconizam práticas associadas à produção de estilos saudáveis de levar a vida (práticas alimentares, rotinas diárias de atividades físicas, participação em grupos de terceira idade, dedicação a artes, entre outros). Já as conexões entre a temática da velhice e as questões de gênero têm propiciado estudos que focalizam, entre outras dimensões, as imagens tradicionais do “ser velha”, no gênero feminino, e as novas configurações da velhice (saudável, ativa, auto-responsável), que estabelecem outras exigências às mulheres dessa “idade da vida”.

Sendo tais discursos circulantes no mundo social e cultural, seria de se esperar que, de uma ou outra forma, eles também estivessem presentes na literatura infantil. Brevemente, podemos lembrar o minucioso percurso que Beauvoir (1970) faz por obras da literatura ocidental, desde os gregos e romanos, mostrando a presença de personagens velhos e velhas e as variadas representações nelas encontradas, tanto as que sublinham a sua degenerescência, quanto as que valorizam a sua sabedoria e a sua memória, por exemplo. A riqueza da análise de Beauvoir também advém de sua atenção às diferenças de gênero, isto é, às diferentes dimensões e em distintas sociedades que distinguem o “ser velho” e o “ser velha”. Ainda que a autora não tenha se debruçado sobre a literatura para crianças – e relembremos a constituição recente desta literatura, não mais do que 200, 250 anos – ela nos mostra, por exemplo, como nos contos dos Irmãos Grimm, “a mulher velha – já de antemão suspeita devido à sua feminidade – é sempre um ser maléfico” (1970, p. 153). Lançando um olhar para a literatura para crianças do século XX, agora nos voltando especificamente para a produzida no Brasil, é necessário lembrar as imagens das velhas e velhos contadores de história ou, ainda, organizadores/as de uma constelação familiar, desde Lobato,

---

<sup>1</sup> Texto produzido dentro do Projeto de Pesquisa "Narrativas, diferenças e infância contemporânea", apoiado pelo CNPq e em realização no Programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA.

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação da Ulbra e professora colaboradora convidada do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. E-mail: rosamhs@terra.com.br.

<sup>3</sup> Doutora em Educação. Professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação da Ulbra. E-mail: iara.bonin@uol.com.br



incluindo dona Benta e tia Anastácia, até a velha Totônia, lembrada por Lins do Rego, assim como os *Contos da mãe preta* e *Histórias do pai João*, de Osvaldo Orico, entre outros.

Nosso interesse pela literatura infantil parte da sua relevância cultural e de seu potencial pedagógico, considerando tanto a explosão mercadológica que ela viveu nas últimas décadas, como o prestígio alcançou nos espaços escolares, vista como fonte de desenvolvimento da competência leitora, da criatividade, do trabalho da criança com suas próprias emoções e – no jargão escolar corrente – como possibilidade lúdica de trabalhar certos conhecimentos. Independentemente das intenções de autores – se pedagógicas ou não – deve-se reconhecer que, à medida que veicula representações, imagens, atributos positivos e/ou negativos, ações que se conectam, a literatura infantil sempre veicula pedagogias culturais que ensinam também sobre o que é “ser velha”. É dentro desse quadro que se situa o objetivo do presente artigo: discutir algumas formas de representação do “ser velha” em textos verbais e imagéticos de vinte obras infantis publicadas recentemente no Brasil, considerando conexões entre a temática da velhice e as questões de gênero.

Podemos iniciar com as observações de Debert (2001) que discute as distintas formas pelas quais a velhice foi sendo constituída e representada, ao salientar que

falar de periodização da vida e das relações entre gerações é (...) mostrar como um processo biológico é investido culturalmente, elaborado simbolicamente com rituais marcando fronteiras entre idades pelas quais os indivíduos passam. Se em todas as sociedades é possível observar a presença de grades de identidades nas quais seus membros estão inseridos, elas não são necessariamente as mesmas em todas as sociedades<sup>4</sup>

Variados estudos abordam a velhice na atualidade, especialmente sob um enfoque antropológico, mostrando uma pluralidade de formas de ser e de constituir identidades, em distintos contextos e a partir de pertencimentos variados (velhos e velhas aposentados ou ainda ativos; idosos responsáveis pelo sustento financeiro de famílias ampliadas, através de suas aposentadorias e/ou pensões; velhos que vivem sozinhos, com os filhos, em asilos, que dependem de cuidados de outros, etc. A família seria, em alguns casos, o espaço de amparo daqueles que passam a ser vistos, em muitos casos, como improdutivos. Nessa direção, afirma-se que o surgimento dos estudos feministas, de vertente pós-estruturalista, permitiu a revisão crítica de abordagens que tomam como dadas e naturais as relações parentais e/ou entre gerações (entre pais e filhos, entre avós e netos), entendendo-as como algo que se aprende e que, portanto, se constrói na cultura, por meio do reconhecimento de diferenças etárias e de gênero. Um dado importante a relembrar é a acentuada feminilização contemporânea da velhice, considerando a maior longevidade das mulheres em relação aos homens. Dados disponíveis no Guia Serasa de Orientação ao Cidadão apontam que, no

---

<sup>4</sup> DEBERT, Guita G. A família e as novas políticas sociais no contexto brasileiro. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*. PPCIS/UERJ, 3, 2: 71-92, 2001, p. 39.



Brasil, em 2000, elas eram responsáveis por 55% da população idosa e esta proporção vai aumentando, à medida que a idade se eleva.

Evidentemente, o “ser velha” e o “ser velho” se conectam, de maneira mais geral, com os significados atribuídos culturalmente aos dois gêneros durante toda a vida e, em especial, aos vigentes nas épocas de juventude e maturidade desses hoje velhos. Assim, se as mulheres, nas culturas ocidentais modernas, estiveram posicionadas no âmbito doméstico e responsabilizadas pelo exercício do “cuidado” (em relação aos outros em carência: crianças, doentes e velhos) e pelas práticas afetivas com as crianças, é desse lugar que se tecem as representações sobre quem são, como são e o que fazem as mulheres velhas. Nessa linha, algumas expressões de cuidado e afeto parecem ser vinculadas “naturalmente” às avós e se concretizariam, por exemplo, no ato de tricotar roupas para os familiares, de decorar ambientes com bordados e artes manuais, de contar histórias para as crianças, em atividades que, para outras gerações de mulheres, já estão mais distantes. Já numa representação que é comum tanto a velhos quanto a velhas, a função de dar vida a memórias familiares, de estabelecer uma continuidade também pode estar presente. Se, como veremos tais representações estão presentes na literatura, elas convivem atualmente com as prescrições que buscam situar a velhice como uma terceira idade ativa, que deve se autocuidar e, também, deve procurar apagar no corpo, na medida do possível, as marcas do envelhecimento.

#### *Adentrando os livros de literatura infantil*

Os livros foram selecionados no acervo do projeto “Narrativas, diferenças e infância contemporânea”, pelo critério de apresentarem mulheres velhas como protagonistas. Foram eles publicados por quatorze editoras, e têm vinte e dois autores autores, dos quais nove estrangeiros, em tradução de sete obras. Apenas um (1) autor brasileiro comparece com mais de uma obra e, dos vinte títulos, quinze foram lançados na última década (2002 a 2010), enquanto os demais cinco, lançados na década de 90, encontram-se ainda disponíveis para compra. Ou seja, trata-se de produção circulante em livrarias e bibliotecas (alguns, inclusive, fizeram parte de acervos escolhidos em programas governamentais)

Considerando a multiplicidade de significados socialmente produzidos para o “ser velha”, examinamos o texto verbal e as imagens de obras de literatura infantil, buscando suas regularidades discursivas. Nas obras escolhidas, em que as velhas são protagonistas, pode-se verificar a presença de um discurso multiculturalista, um apelo ao reconhecimento e respeito à diversidade (neste caso,



geracional). Ao que parece, tais histórias são oferecidas aos pequenos leitores para que eles aprendam a conviver positivamente com (ou a tolerar) uma parcela crescente da população, com a qual possivelmente compartilham ambientes familiares e/ou públicos e da qual, enfim, farão parte na sua vida futura. Uma das estratégias para estabelecer certa identificação do leitor com as personagens, no caso dessas histórias, é vinculação de parentesco: em dezessete das vinte obras trata-se de avós (dos narradores ou dos personagens centrais), e em foco estão as relações entre elas e seus netos. Sabe-se que a representação positiva da velhice quando mediada pelo vínculo familiar é corrente. Neste sentido, Brandão e Silveira (no prelo), ao examinarem o site de relacionamentos Orkut que focalizam os velhos, identificaram um grande número de comunidades que votam ódio e desprezo aos idosos, pela sua morosidade, pela sua “desatualização”, por não “ficarem em seu lugar” e adentrarem os espaços públicos, por exemplo; entretanto, ao lado dessas, existem outras que se unem em torno do carinho e amor aos idosos, quase todas identificadas com personagens “avôs” e “avós”. Nos livros de literatura analisados, além de vovó, avó, outras denominações são utilizadas para esta mesma relação de parentesco, como noninha, tutu, naná, termos apresentados em obras com viés étnico – a avó italiana, a avó havaiana, a avó coreana.

Vale a pena lembrar alguns estudos sobre a relação estabelecida entre os velhos/velhas e suas famílias; nesse sentido, Debert e Simões (2006) discorrem sobre pesquisas realizadas em países do primeiro mundo, que mostram neles uma tendência crescente de manutenção de moradias específicas para velhos (suas próprias casas, com assistência social, ou moradias situadas em condomínios específicos para abrigar casais ou indivíduos idosos, com serviços adaptados para este fim). Já no Brasil, os pesquisadores registram a manutenção de certas estruturas de vida em comum, sendo que, em geral, os idosos estariam incluídos, como co-habitantes, compartilhando espaços com diferentes gerações. Baseando-se nos dados do Censo, eles informam que “os diferentes tipos de famílias em torno dos quais se organiza a maioria dos domicílios tendem a abarcar um complexo de relações de parentes e não-parentes gerado por casamentos, divórcios e recasamentos” (p. 14)<sup>5</sup>.

Se, por um lado, a família é o espaço social no qual se desenrola a vida das personagens identificadas como **avós**, no nosso *corpus*, nas outras obras protagonizadas por mulheres não identificadas como avós, a noção de família se torna difusa e a narrativa se desenvolve às vezes no âmbito privado e às vezes no público. Assim, em *A velhinha que mudou o tempo* (Livro 17)<sup>6</sup> informa-se que dona Jovelina era uma velhinha que morava num sítio “e como ela não tinha outros

<sup>5</sup> O censo do IBGE, divulgado em 2000, mostra que 24,1% das residências brasileiras contam com a presença de idosos e que, no caso de pessoas velhas que vivem sozinhas, a maioria é de mulheres.

<sup>6</sup> Doravante, indicaremos os livros apenas pelo seu número de identificação na lista ao final do texto.



parentes, nem marido, nem filhos, ficou sozinha no mundo”. Não costumava falar com ninguém, exceto com o jardineiro, Pedro, e com o dono da venda, Seu Alberto, onde passava todos os dias para fazer compras, sempre no mesmo horário. Sua rotina se altera quando passa a conviver com alguns animais – ovelhas, um cão, galinhas.

O modo como são apresentadas as relações destas protagonistas com vizinhos, transeuntes, comerciantes, trabalhadores, produz também sentidos vinculados à solidão e ao abandono. Este parece ser o caso do livro citado, em passagens como: “Dona Jovelina chegava e mal cumprimentava seu Alberto: - anota na conta: uma dúzia de ovos. Até amanhã”. Já no Livro 10, história apenas de imagens, pode-se acompanhar a rotina de uma velha senhora que, de sua janela, observa a passagem de pedestres na calçada, as crianças que voltam da escola, os casais de namorados, os passeios de pais e filhos, os mendigos para quem oferece alimentos. A rotina solitária é rompida pela presença de um gato e, nas páginas finais, pela visita de uma menina, moradora da casa ao lado, para quem a velha havia oferecido uma flor.

No entanto, nem todas as histórias de velhas senhoras vivendo em suas próprias casas trazem essa referência à solidão. Na maioria dos casos em que são *avós*, as imagens apresentadas são de momentos felizes, brincadeiras, preparação de alimentos em conjunto com os netos, cenas entre flores, apreciando paisagens, ou álbuns fotográficos. Em duas histórias nas quais as velhas não são identificadas por vínculos de parentesco, ensejam-se, também, novas formas de sociabilidade, esferas distintas de relações, modos de dar sentido à vida e de constituir a velhice não como um tempo de inutilidade e passividade do sujeito, mas como um tempo ativo, no qual se delineiam experiências particulares. Nesta direção, no Livro 18, a personagem central “tinha uma profissão rara: consertadora de sonhos. Todos os dias, vasculhava gavetas e esconderijos de meninos tristes para descobrir sonhos esquecidos, antigos ou novos, que precisassem ser remendados”. Note-se que, mesmo se tratando de um ofício imaginário, sem correspondente no mundo real, são estabelecidas relações com o que supostamente fazem as velhas: vasculhar gavetas, remendar, arrumar. No desenrolar da narrativa ela vai se envolvendo com diferentes personagens, faz rir com seu jeito alegre e sorridente e com as histórias que contava. Ela ajuda um menino que deseja reencontrar um sonho perdido, e constatando que ele não sabe como seria esse sonho, efetivamente o ensina a sonhar. Deve-se chamar a atenção que a imagem do velho risonho e bem humorado se contrapõe a representações tradicionais da velhice resmungona, queixosa, “reclamona”.

Verifica-se, também, como uma constante no caso de personagens velhas solitárias, a presença de animais domésticos: gatos entre rolos de lã, pequenos cães que não desgrudam da dona,



passarinhos que povoam as casas, alimentados pelas personagens, ovelhas miúdas, carentes de leite e de afeto. A presença destes, e de outros animais poderia simbolizar, neste contexto, o sentimento de solidão e carência ou, ainda, de afeto e “natural” propensão ao cuidado de “outros”. Já a presença de animais incomuns – um tigre, um urso - tem outras conotações, como adiante veremos.

Tratando-se, ainda, das relações de afeto e de cuidado – estabelecidas como atitudes desejáveis das personagens velhas, observa-se a profusão de imagens de abraços entre avós e netos. Em várias obras, vêem-se ilustrações em que uma criança se aninha no colo da avó, ou corre para seus braços ou é acariciada de modo terno pelas protagonistas. Há manifestações de zelo e de afeto para com as crianças em outras cenas, tais como as de preparação de alimentos, na disposição das avós em contar histórias, e na cumplicidade constituída quando elas permitem que as crianças vasculhem os recantos de suas residências, os objetos antigos ou os baús, à procura de algum “tesouro” antigo. Beauvoir (197), ao adentrar a obra de Victor Hugo, no séc. XIX, em especial o livro “A arte de ser avô”, observa que ninguém, antes deste autor, soube “apontar com tanta felicidade as afinidades entre a infância e a velhice”. Ou seja: a afinidade entre a velhice e a infância, certamente inspirada por relações sociais extraliterárias, torna-se um tema literário desde aquele momento no panorama da cultura ocidental.

Estas imagens de uma velhice tolerante, amável, dedicada aos netos vincula-se a uma representação da velhice que, segundo Debert (2001) foi amplamente divulgada e a configura com uma “idade de ouro”, supostamente vivida sem queixas, sem sofrimentos, dentro de um contexto familiar harmonioso. A autora problematiza tal representação a partir de pesquisas antropológicas e sociológicas, colocando em suspeição sua generalidade e mostrando diferentes posições assumidas por velhos e velhas, dentro de injunções e posições de poder, que delimitam seus campos de ação.

Vale ressaltar, em relação às descrições verbais ou as ilustrações das personagens, a constância de apresentação de alguns aspectos da aparência. Assim, o marcador corporal mais constante das mulheres velhas nas obras analisadas é, sem dúvida, o cabelo branco ou grisalho, preso em forma de coque. Outros aspectos constitutivos da velhice são destacados nos exemplos a seguir: *D. Jovelina era uma velha pequena, magrinha. Devia ter 60 ou 70 ou 80 anos, sei lá. Seus cabelos eram branquinhos, feito algodão ( Livro 17); Minha avó, mãe de papai, era baixa e gorda, bem baixa e bem gorda. Minha avó, mãe da mamãe, era mais alta e mais magra (Livro 2); “a velhinha andava com passinho miúdo, como pinguim(livro 18); ...andava sempre de cabeça baixa, com a cara fechada ( Livro 17).*



Há também uma caracterização das formas de vestir das personagens: em grande parte das ilustrações das obras elas aparecem trajando vestidos à altura do joelho, com modelos clássicos, estampas antigas, cores escuras, ou com motivos florais, com mangas, curtas ou longas, golas arredondadas, botões, etc. Além disso, exploram-se sentimentos e atributos subjetivos para caracterizar as velhas mulheres: *gentil, simpática, às vezes rabugenta (Livro 18); vovó Sônia sempre ria (...) adorava ouvir e contar piadas (...) vovó vivia sempre alegre (Livro 2); A vó era de um tempo bem antigo, ela tinha 85 anos mas era tão ativa e divertida que às vezes parecia uma moça (Livro 3)*. Novamente observa-se a busca de um apagamento daqueles atributos que, com tradição na caracterização da velhice, a tornariam abominável. Inclusive, no último livro, busca-se – o que é uma constante nos discursos sobre a “eterna juventude” – o apagamento da própria velhice (“parecia uma moça”, pois, se parecesse uma velha, seria passiva e mal-humorada, pode-se inferir).

Numa outra direção, pode-se dizer que os sentidos tradicionais articulados ao ser velha também estão presentes nas descrições dos ambientes, feitas tanto em textos verbais quanto em ilustrações destes livros. No Livro 1, a narradora relata: *quando eu era pequena, costumava visitá-la[a avó] em sua grande casa. Ela era repleta de cheiros maravilhosos, como o de geléia de morangos; no livro 3, informa-se que Natália, a protagonista, gostava de ir ao quarto da vó brincar no meio dos móveis antigos, bem grandes, cheios de detalhes(...) Nas gavetas encontrava muitas luvas antigas, que as mulheres do tempo da vó usavam*. No Livro 15, a cena em que um menino visita D. Ambrósia, uma velha que vive sozinha, é assim descrita: *a campainha tocou. O gato levou um susto e a cadeira parou de balançar*. Há referências a casas com muitos cômodos, escadarias, adornos clássicos, lustres; há imagens de pátios amplos, jardins floridos, árvores frondosas (velhas também), sítios com espaços em que se criam animais (galinhas, em particular). No interior das casas há móveis de estilo antigo, quadros com fotografias familiares, poltronas e sofás com estampas antigas, mesas ou cristaleiras com pratarias clássicas, espelhos amplos, com molduras em rococó, entre outras. Tal estratégia representacional parece estabelecer um sentido temporal de longa duração e uma harmonia entre o personagem e o local onde vive, ensinando, de certa forma, que pessoas velhas se sentem melhor em lugares com “coisas velhas”.

Note-se, por exemplo, em várias obras, a presença do baú – utensílio que, no espaço doméstico, serviria para guardar coisas antigas que possuem importância para aquele que as armazena e, em outros espaços, está associado a grandes tesouros escondidos. Deste modo, nas histórias infantis analisadas, o baú parece remeter, a um só tempo, à noção de memória, de



antiguidade, de surpresa, já que armazenaria, supostamente, tesouros e guardados de um tempo distante, que podem ser vasculhados e reservar surpresas também aos novos.

### *Novas formas de ser velha*

Em discursos mais recentes, observam-se novas concepções para a velhice: é uma idade que deveria ser reinventada, e surgem, em profusão, imagens de mulheres que buscam manter hábitos saudáveis, produtivos e ativos, desejosas e necessitadas de atividade, espaço, agilidade e movimentação. Há um enunciado recorrente, um “mexa-se” que se manifesta no conjunto de mensagens midiáticas, publicitárias, cinematográficas, cotidianas, quando se trata de velhos e velhas. Investe-se, assim, na produção de novas formas de ser velha e de ser consumidora, ávida por novidades, invadindo academias de ginástica, adotando dietas específicas, consumindo artigos esportivos, viajando, contraindo empréstimos exclusivos a aposentados. Busca-se o apagamento das conotações negativas associadas à palavra “velhice”, através da proposição de novas terminologias: “terceira idade”, “melhor idade”; em muitos textos, inclusive, busca-se, quase, o apagamento da própria velhice, através da ênfase à juvenilização, à longevidade saudável. Strassburger e Silveira (2009), por exemplo, ao analisarem suplemento da revista VEJA, publicado em 2009, sobre o tema longevidade, apontam a ênfase midiática ao conceito de “sem-idade”, à responsabilização do sujeito pelo seu envelhecimento, à importância da manutenção da aparência “jovem” (não necessariamente equivalente à saúde), assim como a maior focalização e exigência feitas, na dimensão estética, às mulheres, se comparadas ao gênero masculino.

Em que medida esses novos discursos estão encontrando eco nos livros para crianças? Efetivamente, nos vinte títulos aqui analisados, em apenas quatro, pôde-se identificar algumas dessas tendências. Em *Avó* (Livro 11), não existe propriamente uma narrativa, mas uma exposição criativamente ilustrada sobre os tipos de avós existentes, iniciando pela afirmação *Avó é avó*, à qual se seguem 46 afirmações, a maioria delas iniciada pela sequência *Tem avó que...*; exemplos: *Tem avó que faz crochê / Tem avó que faz DVD / Tem avó que é velhinha / Tem avó que é moderninha*. As ricas ilustrações de Guto Lins tanto podem trazer uma avó sobre uma lambreta quanto na cozinha mexendo numa panela, ou, ainda, fazendo ginástica, de abrigo, numa praça. É evidente que tal obra ensina, de certa maneira, a pluralidade das formas de ser avó (e não, apenas, velha).

Já no Livro 5, de bem sucedida autora para crianças, temos uma avó “híbrida”; descrita como alienígena, nas imagens ela é representada com uma aparência condizente com uma senhora de classe média européia - silhueta arredondada, óculos, saia, boina, cabelos brancos em coque.



Inicialmente, ela é apresentada fazendo crochê, mas, em seguida, ao ser enquadrada em uma atividade típica da “terceira idade” – uma viagem do “Clube dos Idosos”, inicia uma série de contestações e atitudes estranhas (“Vovó começou a aprontar”, conta o narrador), de fuga ao estabelecido, dançando alegremente com as pernas à mostra, subindo em árvores sem sapatos e, mesmo quando levada para casa pela filha e genro, que resmungam “Você está muito velha para esse tipo de coisa”, tem um último ato de insubmissão, ao criar em sua própria casa uma agência de viagens, com uma casa voadora. Misturando fantasia e realidade, a autora parece apontar para uma velhice que, não deixando de apresentar as características corporais da idade (nas imagens), subverte a posição de submissão e de domesticidade tradicionalmente atribuída a essa idade da vida.

No Livro 7, temos a única avó, do conjunto de livros, cuja representação imagética não traz nenhum traço que a diferencie de uma mulher adulta jovem. Nas imagens, ela aparece de minissaia e silhueta esbelta, ou com roupas próprias para a prática de esportes, sem rugas ou marcas de flacidez, cabelos negros, compridos e ondulados; é descrita como “a avó dos anos 2000”. O texto escrito nos conta como é esta vovó, que sabe de tudo que acontece no mundo, tem “milhões de livros”, é permissiva com os netinhos, tem um tigre de estimação (sinal de seu desajuste em relação às velhinhas que têm gatos e cachorros?), compra carros sozinha, mas, por outro lado, faz bolos para os netinhos, guarda um baú com muitas lembranças e fotos e... principalmente é uma vovó que sabe contar muitas histórias.

Já no pequeno Livro 16, com poucas frases e imagens, conta-se a história da única avó, em todas as obras analisadas, que tem um namorado, o qual vai morar com ela, faz tudo o que ela quer, varrendo o chão, auxiliando-a nos trabalhos domésticos, declarando-lhe todo o seu amor e sendo “bastante apaixonado”! Um detalhe: o namorado é um elefante que ela encontrou no supermercado.

Em síntese, após esta breve trajetória sobre as vinte obras analisadas, pode-se observar a manutenção de representações tradicionais da “vovó”, mais do que a da “mulher velha” em geral, havendo pouca abertura para deslocamentos efetivos de representações (velhas profissionalmente atuantes, com relacionamentos diversos, p.ex.). Por outro lado, em se tratando de livros que se voltam para um leitor infantil, verifica-se a ênfase em representações positivas dessa velhice feminina – carinhosa, paciente, alegre, interessante, amorosa, protetora. Eventualmente, doenças (como Alzheimer, em dois livros, por sinal, traduzidos) e a solidão representam as dificuldades e as agruras da velhice, em relação às quais se ensina às crianças que é preciso compreensão, respeito e solidariedade.



## Bibliografia

- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice. A realidade incômoda*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BRANDÃO, Maria de Fátima Moraes; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. O Orkut e a velhice – comunidades e discursos. In: COUTO, Edvaldo Souza; ROCHA, Telma Brito (orgs.) *A vida no Orkut. Narrativas e aprendizagens nas redes sociais*. Salvador, Editora da UFBA. (no prelo).
- DEBERT, Guita G. A família e as novas políticas sociais no contexto brasileiro. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*. PPCIS/UERJ, 3, 2: 71-92, 2001
- DEBERT, Guita; SIMÕES, Júlio A. Envelhecimento e velhice na família contemporânea. In E.V. Freitas et. al. (orgs) *Tratados de Geriatria e Gerontologia*. 2ª.ed. Rio: Guanabara e Koogan, 2006, p.136-147.
- GUIA SERASA DE ORIENTAÇÃO AO CIDADÃO. Disponível em: <<http://www.serasaexperian.com.br/guiaidoso/08.htm>> Acesso em 3 de julho de 2010.
- STRASSBURGER, Viviane; SILVEIRA, Rosa Hessel. Ensinando sobre velhice nas páginas de VEJA. In: AZEVEDO, Heloísa Helena Durval de et alii. *Educação e filosofia: tem jogo neste campo?* (atas) Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2009. CD-rom.

## LISTA DE LIVROS ANALISADOS

- Livro 1: ABEELE, Véronique V. D. *Vovó tem Alzheimer... o quê?* São Paulo: FTD, 2007.
- Livro 2: AIZEN, Naumim. *Era uma vez duas avós...* 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- Livro 3: CARUSO, Carla. *O segredo da Vó Maria*. São Paulo: Callis, 2003.
- Livro 4: CHIANCA, Rosaly B. e CHIANCA, Leonardo. *O aniversário da vovó*. São Paulo: Ática, 1997.
- Livro 5: COLE, Babette. *Minha avó é um problema*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1994.
- Livro 6: DEL CAMPO, Guilherme e DEL CAMPO, Marilda. *Uma vovó italiana*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- Livro 7 DRUMMOND, Regina. *Vovó Regina*. São Paulo: Editora Scipione, 2002.
- Livro 8: FOX, Mem. *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*. São Paulo: Brinque-Book, 1995.
- Livro 9: JOOSSE, Barbara M. *Bonita: é assim que vovó me chama*. São Paulo: Brinque-Book, 2009.
- Livro 10: JUNQUEIRA, Sônia. *A velhinha na janela*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- Livro 11: LINS, Guto. *Avó*. São Paulo: Globo, 2008.
- Livro 12: MUELLER, Dagmar H. e BALLHAUS, Verena. *Minha avó tem Alzheimer*. São Paulo: Scipione, 2006.



Livro 13: NEVES, André. *A caligrafia de Dona Sofia*. São Paulo: Paulinas, 2006.

Livro 14: RIBEIRO, Jonas. *Avó Maluca Lelé da Cuca & avó Pirada da Pá Virada*. Juiz de Fora: Franco Editora, 2003

Livro 15: \_\_\_\_\_. *Cadeiras*. Brasília: LGE Editora, 2006.

Livro 16: \_\_\_\_\_. *Minha avó tem um elefante*. Juiz de Fora: Franco Editora, 2007.

Livro 17: RODRIGUES, Juciara. *A velhinha que mudou o tempo*. São Paulo: Paulinas, 1996.

Livro 18: SAVAGET, Luciana. *D. Carminha Cebolinha: a consertadora de sonhos*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.

Livro 19: SCHNURBUSH, Bárbara. *Blusa listrada com calça florida: uma história sobre mal de Alzheimer*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Livro 20: WILD, Margaret; HUXLEY, Dee. *Lembra de mim*. São Paulo: Brinque-Book, 2009.